



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE LETRAS-IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

BEATRIZ RODRIGUES DINIZ

O suicídio feminino no romantismo português a partir da análise comparativa do conto “Às portas da eternidade” de Ana Plácido e do capítulo “O mosteiro” de Alexandre Herculano

BRASÍLIA-DF

2023

O suicídio feminino no romantismo português a partir da análise comparativa do conto “Às portas da eternidade” de Ana Plácido e do capítulo “O mosteiro” de Alexandre Herculano

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Monografia em Literatura como requisito para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciatura no curso de Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Prof. Dr. Gabriel Victor Rocha Pinezi

Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador pela compreensão e paciência no desenvolvimento deste trabalho e a minha família e meu namorado pelo apoio ao longo da trajetória da graduação na Universidade de Brasília.

RESUMO

Esse trabalho busca, a partir da análise da temática do suicídio feminino abordada no romantismo português do século XIX, contida nas narrativas “Às portas da eternidade”, presente na obra *Luz coada por ferros* (1863) e "O Mosteiro" do livro *Eurico, O presbítero* (1844), fazer uma análise crítica e comparativa das obras de Ana Plácido e Alexandre Herculano. Dividido em cinco partes, o trabalho inicia com a introdução, contextualizando o romantismo português e destacando o papel do suicídio feminino nesse movimento literário. A segunda e terceira seção concentram-se na análise do capítulo "O Mosteiro" e "Às Portas da Eternidade" para compreender a representação do suicídio nas obras desses autores, explorando elementos como enredo, personagens e estilo narrativo que contribuem para a construção da cena de suicídio nessas obras. A quarta seção realiza uma análise comparativa entre "Às Portas da Eternidade" e "O Mosteiro", destacando possíveis influências mútuas e diferenças nas representações do suicídio nessas narrativas. A última seção apresenta considerações finais que sintetizam as análises realizadas, ressaltando como os autores abordaram o tema do suicídio feminino no romantismo português. Além disso, são apresentadas reflexões sobre o significado mais amplo dessas narrativas no contexto literário e social do século XIX.

Palavras-chave: Suicídio feminino; Romantismo português; Ana Plácido; Alexandre Herculano.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	SUICÍDIO FEMININO NO ROMANTISMO PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DO SÉCULO XIX.....	9
3.	ANÁLISE SOBRE O CAPÍTULO “O MOSTEIRO”.....	12
4.	ANÁLISE SOBRE “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”.....	19
5.	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS DUAS NARRATIVAS.....	24
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a realizar uma análise crítica e comparativa das obras de Anna Plácido e Alexandre Herculano, concentrando-se na temática do suicídio feminino no contexto do romantismo português do século XIX. A análise será direcionada para as narrativas "Às portas da eternidade", presente na obra "Luz coada por ferros" (1863), e "O Mosteiro", do livro "Eurico, o Presbítero" (1844). O trabalho será dividido em cinco partes.

Na introdução, será apresentado o contexto histórico e literário do romantismo português do século XIX. Serão abordadas as principais características desse movimento literário e como o tema do suicídio feminino se encaixa nesse contexto específico. A segunda seção foca na análise detalhada da narrativa "Às Portas da Eternidade", que faz parte da obra *Luz coada por ferros* (1863) de Anna Plácido. Serão explorados elementos como o enredo, personagens, estilo narrativo e como esses aspectos contribuem para a construção da cena do suicídio presente nessa obra específica. A terceira seção concentra-se na análise específica do capítulo "O Mosteiro" do livro *Eurico, o Presbítero* (1844) de Alexandre Herculano, avaliando os mesmos aspectos para a formação da cena de suicídio na obra. A quarta seção dedica-se à análise comparativa entre "Às Portas da Eternidade" e o capítulo "O Mosteiro", no qual serão destacadas possíveis influências mútuas e distinções nas representações do suicídio nessas narrativas. A última seção consistirá em considerações finais que sintetizam as análises realizadas, destacando como os autores abordaram o tema do suicídio feminino no romantismo português. Além disso, serão apresentadas reflexões sobre o significado mais amplo dessas narrativas no contexto literário e social do século XIX.

Ana Augusta Vieira Plácido (1831-1895) nasceu em 27 de setembro, em São Miguel de Seide, Portugal. Aos 19 anos, foi obrigada a se casar com um empresário que enriqueceu no Brasil, mas se apaixonou por Camilo Castelo Branco em 1856, o que resultou em conflitos e sua reclusão em um convento. Devido à insistência em permanecer com Camilo, seu marido a acusou de adultério. Ana foi presa em junho de 1860. Em "Às Portas da Eternidade", parte de "Luz coada por ferros", Ana explora as perturbações psicológicas de uma mulher abandonada, criando uma atmosfera sombria, que aborda o suicídio por amor e destaca a consciência feminina como expressão do terror psicológico,

além de dialogar com as reflexões sobre a injustiça que Ana sofreu. Os contos autobiográficos do livro publicado por Ana Plácido em 1863 foram escritos durante seus dezoito meses de prisão. Após ser absolvida em outubro de 1861, mudou-se para Lisboa com Camilo. Influenciada por Camilo, Ana dedicou-se à escrita, sendo coautora de diversas publicações de romances, crônicas, poemas, contos e participou ativamente da imprensa portuguesa e brasileira do século XIX, que revelam a voz literária poderosa de uma escritora do século XIX, cujo merecido reconhecimento está por se fazer.

Alexandre Herculano (1810-1877) foi um renomado escritor, jornalista e historiador português. Natural de Lisboa, recebeu uma educação clássica, permeada por ideias liberais que deixariam uma marca significativa tanto em sua trajetória pessoal quanto em sua produção literária. Devido à cegueira prematura de seu pai, encontrou obstáculos para ingressar na universidade, optando, assim, por cursar comércio e dedicar-se ao estudo de diplomacia e línguas, incluindo inglês, francês, alemão e italiano. Demonstrou uma postura crítica em relação ao absolutismo, chegando a envolver-se em uma conspiração contra o monarca português D. Miguel, o que resultou em seu exílio. Herculano foi grandemente influenciado pelo historiador Walter Scott, a quem admirava como um modelo para todos os romancistas.

Eurico, o Presbítero é uma obra de ficção histórica escrita por Alexandre Herculano em 1844, que aborda o declínio do reino visigodo diante da invasão muçulmana na Península Ibérica no século VIII. Considerado um dos fundadores do Romantismo português, ao lado de Almeida Garrett, Herculano apresenta uma narrativa épica que destaca características românticas, como a idealização da mulher, a figura do herói, o espírito nacionalista, o idealismo platônico e a presença marcante da natureza. Eurico, o protagonista, é um sacerdote católico atormentado por suas memórias, especialmente a lembrança de sua amada Hermengarda. Além de ser um romântico apaixonado, revela-se como um hábil guerreiro, conhecido como o cavaleiro negro, e também como um talentoso poeta. A dualidade do personagem é intrigante, pois prega princípios cristãos, mas age de maneira bárbara em tempos de guerra, buscando defender a raça, a terra e a pátria. A entrada de Eurico no presbitério ocorreu após uma desilusão amorosa revelada aos poucos ao longo da narrativa. Hermengarda, responsável pelo amor frustrado, tem participação

limitada nas ações, mas sua figura delicada e subjugada acaba tornando-se o ponto central da história. A atitude de Eurico o transforma em presbítero, cavaleiro negro e poeta.

2. SUICÍDIO FEMININO NO ROMANTISMO PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DO SÉCULO XIX

O Romantismo foi um movimento literário e artístico que surgiu, em meio a revolução burguesa e industrial na Europa, a partir do final do século XVIII até o século XIX, como uma resposta aos ideais iluministas. Em Portugal, esse movimento cultural refletia as transformações políticas, sociais e psicológicas conflitantes da época, as transformando em soluções estéticas.

A partir desse período, há também uma valorização da prosa como gênero literário que apresenta a burguesia e seu cotidiano como foco principal. Conjuntamente, os contos se popularizaram e passaram do aspecto folclórico para o literário, como é possível observar na obra de Ana Plácido. Ainda há a retomada da temática da Idade Média como uma maneira de evasão do sujeito romântico, o que é feito no romance de cavalaria de Herculano.

Ademais, o suicídio é apresentado, na maior parte dos casos do romantismo, como uma solução evasiva de realização espiritual, além de uma expressão extrema do sofrimento e do medo existencial. Em Portugal, autores como Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Florbela Espanca e Mário de Sá-Carneiro cometeram esse ato, o que valida a afirmação do ensaísta Miguel de Unamuno de que: “Portugal é um povo triste, e é-o até quando sorri. A sua literatura, incluindo a sua literatura cómica e jocosa, é uma literatura triste. Portugal é um povo de suicidas, talvez um povo suicida” (UNAMUNO, 2008).

Esses ideais românticos a respeito desse tópico são semelhantes às ideias sobre o suicídio defendidas na filosofia por pensadores como Platão, que foram apropriadas pelos românticos e afirmam que o conhecimento filosófico ensina a não ter medo da morte, porque o falecimento é apenas a morte do corpo e o corpo é considerado a prisão da alma; portanto, a morte do corpo será na verdade um renascimento, uma oportunidade do homem

viver apenas pela alma (PLATÃO, 1972 apud VACCARI, 2016). Ao colocar em destaque as questões subjetivas e espirituais do ser humano, conseqüentes do pessimismo existencial e material, imerso em uma cosmovisão platônico-cristã, o indivíduo vê também a realidade racional como uma armadilha que ameaça destruí-lo e anular sua essência.

Esse “mal do século” encontra ecos na literatura romântica, afetando o imaginário dos autores, e está intimamente ligado à palavra (como pode ser observado nas cartas de suicídio), refletindo as características do movimento, como a valorização das emoções, a busca pelo escapismo e a heicização da melancolia. Por isso, a literatura romântica

inaugurou um novo tipo de sentimentalidade, baseado na impossibilidade de se esquecer dos mortos. Se a morte é a promessa de paz e encerramento suave dos tormentos da vida, para os que ficam a dor da separação é mais deplorável do que a morte em si e a morte de si (ARIÈS, 1981 apud PINHO, 2016, p. 56).

A partir desse movimento literário, surge uma nova concepção do homem. O ser humano torna-se o centro do Universo, buscando a si mesmo para tentar superar as problemáticas existenciais entre ele e o outro, reduzindo a imagem do mundo à sua própria imagem (egocentrismo). Quando se sente ameaçado pelos rumos que a civilização está tomando, esse sujeito isola-se dentro de si mesmo ou confronta a sociedade na tentativa de escapar da degradação que ela lhe impõe, sendo reduzido a cantor da própria solidão. Além disso, no movimento literário romântico, o escritor se utiliza da natureza como uma maneira de dialogar com Deus, como um confidente passivo e fiel e como um espaço dinâmico para o desenvolvimento de sua poética, que reflete o estado de espírito do sujeito em crise.

O eu romântico é uma estética da juventude, expressando sentimentos femininamente juvenis e é a partir dessa ideia que se dedica o foco deste trabalho a analisar exclusivamente as narrativas de suicídio de mulheres no século XIX. Assim, nasce o mergulho masoquista na própria alma, confessando as tempestades interiores ou as fragilidades emocionais com a certeza da dignidade do sofrimento. O desabafo dos sentimentos mais íntimos leva ao descobrimento de sentimentos relacionados à fragilidade e ao mistério do destino humano, sujeito ao azar e à eterna mudança de tudo. Afogado no

caos interior, o romântico acaba por se sentir melancólico e triste, o que, cultivado, o leva ao tédio, ao “mal do século”. Ademais, esse eu lírico se entrega a uma aventura de armas, como no romance de Herculano, e ao amor, como no conto de Plácido, que também podem ser consideradas formas lentas de suicídio, mas implacáveis.

3. ANÁLISE SOBRE O CAPÍTULO “O MOSTEIRO”

A obra de Herculano foi publicada em 1844 e conta a história de Eurico, um jovem guerreiro que decide se tornar monge após a proibição de seu casamento com Hermengarda, para curar-se das frustrações desse amor impossível. Como plano de fundo, o autor utiliza o fim do reino visigodo formado na região que, atualmente, compreende Espanha e Portugal, diante da invasão dos muçulmanos, que avançaram pela maior parte da Península Ibérica no século VIII. Ao lado dos cristãos, surge um Cavaleiro Negro que salvará Hermengarda da mão dos árabes, após ela ser raptada pelos árabes no Mosteiro da Virgem Dolorosa. Esse capítulo trata dessa invasão.

Ao iniciar o capítulo, o autor afirma que se baseou em um fato histórico para escrevê-lo: “Foram as monjas de Nossa Senhora do Vale, junto a Ecixa, que, em tempos posteriores, praticaram êste feito heróico, para se esquivarem à sensualidade brutal dos Árabes. Parece que o procedimento das freiras de Ecixa foi imitado em muitas outras partes” (HERCULANO, 1844, p. 202).

Nas primeiras páginas do capítulo, descreve-se o Mosteiro da Virgem Dolorosa localizado na "Cordilheira dos Nervásios". A partir da escolha por utilizar os nomes medievais dos locais, destaca-se a intenção do autor de dar verossimilhança e o efeito de historicidade na obra. A partir da ambientação do mosteiro, é feita uma transfiguração do espaço pelo discurso literário, revelando a atmosfera de isolamento e de um lugar seguro, protegido, como uma fortaleza, como é observado nesse trecho:

Os muros fortíssimos daquele vasto edifício, as suas portas tecidas de ferro e carvalho, as estreitas frestas, que apenas lhe deixavam penetrar no interior uma luz duvidosa, os tetos ameaçados e, finalmente, os fossos profundos que o circundavam, tudo o tornava acomodado para larga defesa (HERCULANO, 1844, p. 91)

A fortaleza, defendida contra o inimigo, reflete os sentimentos de solidão de Hermengarda, que sofre também com o amor impossível. Também é feita a descrição da arquitetura do local, destacando a imponência da construção, a influência da arquitetura gótica e sua magnificência, além de reforçar a ideia de um refúgio intransponível. São apresentadas também as mulheres do convento como "virgens inocentes" que, através do contraste realizado a partir da comparação do templo como um oásis frondoso no meio de um deserto infernal, entre o ambiente monástico pacífico e a violência do mundo exterior, o

autor cria imagetivamente uma atmosfera de conflito e tensão, além de retratar o mosteiro como um local para as virgens não se corromperem dos "tormentos da vida". Essa atmosfera também é reforçada no contraste entre a descrição das "virgens inocentes" num cenário de guerra como apresentado no trecho a seguir:

Os seus claustros pacíficos e saudosos, onde nunca soara o ruído tormentoso da vida, onde nunca as dolorosas realidades do mundo haviam penetrado, salvo nos sonhos passageiros e dourados de algum coração mais ardente, restrugiam com o bater das armas, com o amontoar das provisões, com o carpir dos que abandonavam os seus lares, com a violenta e brutal linguagem da soldadesca. (HERCULANO, 1844, p. 92).

A partir da descrição da atmosfera do anoitecer em uma noite de novembro, reforça-se seu aspecto soturno e melancólico, que é refletido nas personagens. Além disso, é apresentada a ambiguidade característica desse período literário que se evidencia no excerto "a esta hora duvidosa entre a claridade e as trevas"(HERCULANO, 1844, p. 91). Após essa descrição, apresenta-se um grupo de cavaleiros e uma moça jovem, já descrita como angelical, alva e coberta por um véu, que vêm buscar abrigo por uma noite. Ela é acolhida por Cremilde, a monja superiora que, em sua primeira fala, já demonstra apatia e pessimismo: "Amanhã ou depois, que importa?"(HERCULANO, 1844, p. 93) como consequência das penitências sofridas. Entretanto, a abadessa é fiel aos seus ideais cristãos e de hospitalidade aos refugiados do mosteiro.

O texto então descreve as freiras entrando no coro para rezar. A recém-chegada mulher aristocrática se une a elas e se destaca das monjas, não apenas por usar branco em contraste com o traje negro das religiosas, como também pela beleza. A representação de freiras em oração, de bruços no chão, enfatiza a devoção religiosa e a submissão presentes no ambiente conventual, além do aspecto angelical, relacionado à palidez e aos olhos voltados para o céu, além do aspecto fúnebre ao caracterizá-las como "anjos de mármore ajoelhados em roda de um túmulo"(HERCULANO, 1844, p. 95) e ao final das rezas, quando é feito um presságio do que aconteceria com as religiosas "como se de súbito nos lábios de todas as monjas se houvesse posto o selo da morte"(HERCULANO, 1844, p. 96). A partir das preces declaradas pelas monjas, é evidenciado o caráter de mártir, como pode ser observado no trecho: "A Tua justiça condenava à dor o gênero humano ainda no berço: Ele nos conquistou para a felicidade no meio dos tormentos da cruz"(HERCULANO, 1844, p. 95) em que é possível relacionar esse ideal do martírio como uma forma de testemunho da fé com o contexto histórico do início do Cristianismo, época na qual o ato

de se matar era considerado uma forma de alcançar o Paraíso. Isso se dá devido às primeiras gerações de seguidores do cristianismo, buscando escapar das perseguições, terem optado conscientemente pelo martírio, sendo encorajados por diversas referências no Novo Testamento. Nestas passagens, os crentes são instigados a desprezar a existência terrena e a oferecer o sacrifício de suas vidas como meio de se aproximar de Deus e alcançar a vida eterna (SILVA, 2009). Ademais, o retrato da vida simples e sofrida no mosteiro parece remeter ao contexto histórico das freiras, conforme revelado por Herculano, que evidencia suas condições precárias. Muitas vezes, as freiras faleciam em circunstâncias desfavoráveis, desprovidas de qualquer tipo de assistência (MENDES, 2020).

Ao fim das preces, há uma interrupção da cerimônia religiosa no mosteiro por um Ostiário, devido à chegada repentina dos árabes, que irrompeu no templo anunciando a presença de invasores. A atmosfera de calma e devoção foi repentinamente interrompida por pânico e ameaça iminente. Os cavaleiros godos, que se renderam aos árabes, se aproximam do mosteiro e, assim, se inicia o confronto entre Atanagildo e seu irmão Suintila em meio à iminente invasão árabe. Suintila representa a tentação da traição e do oportunismo, dando a Atanagildo uma saída clara para uma situação difícil. Sua postura ambígua e sorriso fugaz revelam a complexidade moral de seu personagem. A cena retrata um diálogo tenso entre os dois personagens, com Atanagildo rejeitando uma oferta de traição e se preparando para proteger o mosteiro e as donzelas até a morte, contra a corrupção e prostituição das monjas virgens e inocentes. Entretanto, antes mesmo do início da batalha, Atanagildo já se resigna do horrível destino das moças e acredita que morrerá na batalha, realizando um sacrifício como testemunho de sua fé. Essa cena revela a importância dos valores culturais, religiosos e familiares na tomada de decisão dos personagens. O orgulho gótico e a fidelidade à fé cristã são elementos centrais do posicionamento de Atanagildo, enquanto Suintila parece estar inclinada a priorizar sua sobrevivência e sucesso material.

Após ter recebido a notícia da invasão, Atanagildo conta seu terrível destino a Cremilde e, entre eles, se dá um conflito moral e emocional. Atanagildo está disposto a lutar e morrer tanto por sua fé quanto para proteger as freiras, enquanto Cremilde encarna um espírito de resignação e de martírio como forma de honrar a religião, optando por uma trajetória que causasse sofrimento a si mesma e às demais monjas, e ao mesmo tempo

evitando o derramamento de sangue inocente daqueles que encontraram abrigo no convento, o que é evidenciado no seguinte trecho:

As palavras de Atanagildo vibraram no coração de Cremilde, como vibra o primeiro dobre pelo finado [...] Recuou aterrada e, volvendo para o céu os olhos enxutos [...] ficou por alguns momentos com as mãos erguidas, como implorando uma inspiração de cima. Pouco a pouco, porém, as suas faces tingiram-se da cor da vida, o sorriso da esperança rodeou-lhe os lábios, e as lágrimas, consolo supremo das maiores mágoas e, também, expressão eloquente dos contentamentos mais íntimos, lhe rebentaram com força e lhe orvalharam a negra estamena do hábito. — O martírio! o martírio! — murmurou a abadessa. — Ó Cristo! bendito seja o teu nome. [...] Ide — prosseguiu a abadessa [...] — Quando os infiéis se aproximarem, enviai-lhes mensageiros de paz. Que vos deixem acolher às montanhas com essa multidão de infelizes que vieram buscar o abrigo destes muros. Não cureis das monjas da Virgem Dolorosa, nem receeis por elas. Achei um meio para as salvar da sorte medonha que as ameaça. Desamparai-nos [...] A resistência só servirá para arrastardes convosco à morte os velhos inermes e as criancinhas inocentes. (HERCULANO, 1844, p. 100-102).

Ao ir ter com as outras monjas, é perceptível essa aceitação do destino trágico por todas as virgens do convento, já que em nenhum momento as mesmas entram em desespero — muito pelo contrário: “A um sinal de Cremilde as monjas saíram do coro: a donzela vestida de branco, ao lado da venerável abadessa, apertava-lhe a mão entre as suas; mas os seus meneios eram firmes como os dela, e mais do que os dela altivos.” Essa reação de alegria revela como, para as personagens, a morte como testemunho de sua fé é entendida enquanto uma dádiva.

Em seguida, os árabes invadem o mosteiro, saqueiam e profanam o local. O contraste entre a tranquilidade e santidade do mosteiro e a violência e profanação provocada pelos invasores é um tema central nesta parte do texto. A representação de soldados árabes, mouros e godos discutindo e ameaçando uns aos outros reflete o caos e a falta de ordem que acompanham a invasão.

Suintila atravessa o mosteiro e desce uma escadaria que leva a uma cripta, na qual o personagem começa a ouvir os cânticos lamentosos das monjas. Nesse momento, a narrativa constrói um cenário de horror, o que é evidenciado no seguinte trecho:

Crera ouvir um cântico entoado por muitas vozes acorde, que a espaços era interrompido por gemidos dolorosos. Escutou: não se enganava! Então o terror começou a apoderar-se dele [...] templo também, mas da morte; porque aí, sobre os altares, repousavam as cinzas dos mártires, e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida uma pouca de terra onde ainda fossem afagar-lhes as cinzas o sussurro longínquo das preces e o perfume dos sacrifícios. (HERCULANO, 1844, p. 103-105).

Ademais, essa passagem discute o contraste entre a blasfêmia ocorrida no convento e as canções entoadas pelos coristas, mostrando que as freiras mantiveram a fé mesmo diante da invasão.

A descrição original das catacumbas evoca imagens de horror e solenidade, com enormes candelabros e estalactites caídas. O contraste entre a escuridão da cripta e as luzes que iluminam objetos como estalactites e túmulos de freiras acrescenta uma dimensão visual à cena, aumentando o impacto emocional. O reflexo das tochas nas estalactites e os ecos da luz nas paredes de mármore contribuem para a sensação de um ambiente de outro mundo. A presença das sepulturas de ex-freiras, marcadas apenas por data e nome, enfatiza a passagem do tempo e a brevidade da vida humana. Ademais, a partir da descrição fúnebre do local é dada uma premeditação do suicídio das freiras que está para acontecer, o que é evidenciado no trecho:

O sepulcro da viúva de Hermenegildo, o desgraçado irmão de Recaredo, elevado mais que os outros à entrada do templo subterrâneo, semelhava um trono de rainha em palácio de sombras, porque o ambiente grosso e frio e o hálito das sepulturas revelavam que aí era o império da morte. (HERCULANO, 1844, p. 105)

A cena decorre no espaço delimitado por portas de carvalho, onde existe um grande túmulo erguido com uma cruz. A imagem das freiras ajoelhadas, encostadas ao primeiro degrau do altar, uma delas empunhando um punhal, cria uma atmosfera de mistério e sofrimento, como é possível observar a partir do seguinte trecho:

Eis o temeroso espectáculo que têm diante de si: / Grossos e altos cancelos de roble separam do resto do templo um extenso recinto sem sepulcros, imediato ao altar principal: ergue-se no tópo cruz agigantada: por um e outro lado daquele espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sôbre o primeiro degrau do altar: em pé, entre as duas fileiras, uma delas [...] tem na mão um punhal (HERCULANO, 1844, p. 106)

Entre as freiras se destaca Hermengarda de branco e é apresentada a distinção entre a salvação para as monjas de preto e para a virgem de branco. Nesse diálogo, a freira com a adaga, afirma:

Para vós há esperança na terra: a nossa mora no céu. Quando os infieis souberem que ainda existe na Espanha quem possa quebrar com ouro o vosso cativoiro ou vingar com ferro a vossa afronta, respeitarão a pureza da nobre virgem. A nós, que não temos ninguém no mundo, resta-nos unicamente o tremendo arbítrio que o Senhor nos inspirou. O martírio não tardará a cingir-nos ao fronte de uma auréola de glória: os anjos de Deus nos esperam. (HERCULANO, 1844, p. 106).

Nessa passagem, se torna claro que Hermengarda difere das feiras, já que estas não têm saída se não a morte, devido às condições de vida precárias na qual vivem em comparação com a jovem nobre. Entretanto, Hermengarda afirma que morrerá junto com as monjas se preciso:

A minha última resolução, venerável Cremilde, é acabar junto de vós e de vossas irmãs. O meu ânimo sairá, como o delas, ileso da última prova que Cristo nos pede na vida. Como elas, darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucelário de meu pai mente à própria consciência quando afirma que os infiéis respeitarão a pureza de uma donzela goda: a infâmia tem sido escrita por eles na frente das famílias mais ilustres da Espanha: o cutelo ou a prostituição é o que os árabes oferecem à inocência. Eu escolho o cutelo: a morte vale mais que a desonra. (HERCULANO, 1844, p. 106)

Após esse diálogo, Cremilde chama uma das freiras, Hermentruda, e a atinge com o punhal, enquanto Suintila observa a cena:

Ele assistia a uma cena horrenda de suicídio, e o braço mais robusto de Cremilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer. [...] Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rápido soou junto da Abadessa. Aos olhos de Suintila afigurou-se que o punhal de Cremilde descera duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. / [...] Hermentruda não está morta. Ergueu-se. Tem a cabeça descoberta, os louros cabelos esparzidos, o colo nu. Bem como o aspecto do famoso arcanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na frente a condenação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pálidos [...] os fios do punhal de Cremilde correram por lá violentos e rápidos, e num momento aniquilaram a formosura da virgem. (HERCULANO, 1844, p. 107-108).

Nesse trecho, é possível observar que Hermentruda se deixa matar, como uma forma de sacrifício para preservar sua santidade.

No seguinte trecho:

As grades fechadas interiormente balouçam aos empuxões de Suintila: mas não cedem. [...] / Cremilde lançou ao renegado um olhar de compaixão e conservou-se em silêncio. / [...] as monjas saem sucessivamente de ambos os lados e vêm ajoelhar aos pés da Abadessa: vêm despir as galas da formosura e comprar à custa delas a pureza da virgindade e a palma do martírio. / [...] vinte machados ferem a um tempo nas grades [...] / as sólidas grades estavam despedaçadas. (HERCULANO, 1844, p. 108)

É possível inferir que a atitude da abadessa, ao demonstrar compaixão por um dos traidores dos godos, assim como as últimas palavras de Cremilde antes de ser assassinada, parecem refletir a influência dos relatos evangélicos.

Nessa passagem

A Abadessa vacilou e, ao cair, só pôde murmurar: “Jesus, recebe a minha alma!” / Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe talhou na garganta o derradeiro suspiro. / [...] Daí a poucas horas a cripta estava em silêncio. As

monjas da Virgem Dolorosa jaziam degoladas em volta da venerável Cremilde (HERCULANO, 1844, p. 110)

Como se vê, o tema central da cena é o sacrifício e a renúncia em nome da crença religiosa. Cremilde apoiou essa escolha e aceitou a vontade do Altíssimo, preparando-se para cumprir seu destino com o punhal na mão. A menção dos anjos de Deus, que os aguardam, acrescenta uma dimensão espiritual e reforça a ideia de um sacrifício glorioso. Ademais, a forma como o punhal é usado para matar as monjas, por meio da degola, é característica do suicídio das virgens:

“O pescoço (*dere*) visto pela parte da frente, da garganta, é o ponto forte da beleza das mulheres, além de ser o ponto de sua maior fragilidade; o sopro da vida se localiza nele. Após ser cortada, a garganta (*dere*) dá lugar a outro vocábulo, *laimos*, goela, “pois uma vez cortada a bela superfície do pescoço, a morte se introduz no interior do corpo” de acordo com (MARQUETTI; MARQUETTI, 2017).

O contraste entre a atuação das freiras, que escolheram ser mártires em nome da fé cristã, e a chegada de guerreiros árabes que representavam o Islã, é uma representação da tensão entre as duas religiões e as duas nações. A presença dos guerreiros negros das tribos Tacrur, liderados por Abdulaziz, sua fúria ao tentar romper as grades das catacumbas e o seu fracasso na posse das virgens, evidencia o confronto físico e simbólico entre os seguidores do Alcorão e os seguidores do Evangelho, além da vitória dos godos e da futura nação de Portugal sobre os árabes. A menção ao Evangelho e ao Alcorão no final da passagem enfatiza o contraste entre as doutrinas religiosas e sugere uma vitória moral do cristianismo e de Portugal ao encenar a paz íntima e a esperança na morte na região da pequena área das catacumbas, ao resistir à embriaguez, riqueza e desejo de vitória dos pagãos representados pelos árabes.

4. ANÁLISE DE “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”

A primeira obra de Ana Plácido, publicada em 1863, traz uma coletânea de contos que apresentam mulheres, geralmente jovens, que veem a sua inocência ser perdida ao ingressar no mundo dos sentimentos e das tentações, a partir da juventude, resultando em impactos avassaladores em suas trajetórias. Essas histórias apresentam um enredo com uma atmosfera funesta e cercada por representações de martírio, angústia e agonia.

A construção do suicídio neste conto segue essas mesmas características, que já são apresentadas na introdução com o seguinte excerto de “*Meditations poetiques*” de Lamartine:

Ainsi, prêt á fermer mes yeux à la lumiere,
Nul espoir ne viendra consoler ma paupière:
Mon ame aura passé, sans guide et sans flambeau
De la nuit d'ici -bas dans la nuit du tombeau:
LAMARTINE- Meditações.

A partir desse trecho é possível observar uma prévia dos ideais que serão apresentados ao longo do conto a partir da melancolia, resignação e solidão do eu lírico ao destino inevitável da morte. Logo em seguida, a narradora retrata a descrição atmosférica de Lisboa: “o vento rebramia com furia nos telhados e chaminés abaladas, e a chuva caía abundantemente despenhando-se nas ruas com o fragor de torrente impetuosa” (PLÁCIDO, 1863, p. 191). Cria-se assim o prenúncio a partir do uso de uma linguagem imagética, que leva o leitor a uma sensação de um ambiente soturno e calmo, que antecipa a tempestade, a partir da expressão “quasi adormecida” (PLÁCIDO, 1863, p. 191), dada pelo narrador onisciente, para descrever o drama iminente da protagonista. O conto narra sua decisão de se matar de madrugada após a rejeição amorosa de Christiano, com o punhal de seu próprio amado. Enquanto está ferida no peito, escreve duas cartas, uma para seu irmão e outra para o amante. Ademais, por meio da imponência e turbulência dos elementos da natureza descritos em conjunto com a aparência da personagem no trecho “expondo a frente d'uma pallidez requeimada da febre interior ao ar frigido e penetrante da athmosphera. Grandes e insondaveis luctas lhe roubaram das faces do mimo da infancia,” (PLÁCIDO, 1863, p. 191) é possível ver um reflexo sobre o estado de seu espírito angustiado e desesperançoso.

A partir da descrição do narrador da dualidade conflitante da personagem, é estabelecida a sua caracterização, cuja beleza persiste, mas é confrontada pelas “grandes e insondáveis lutas” (PLÁCIDO, 1863, p. 192) que lhe roubaram a inocência, os “mimos da infância”(PLÁCIDO, 1863, p. 192), desafiando a idealização romântica da mulher. A metáfora da "Flor queimada ao desabrochar" (PLÁCIDO, 1863, p. 192), que já representa a perda da inocência da jovem pela decepção amorosa, que estará explícita na carta ao amante, já adianta o caráter pessimista para o leitor, revelando a inevitabilidade do destino trágico. A personagem, marcada por um "verdugo impiedoso" (PLÁCIDO, 1863, p. 192), enfrenta a saudade e a resignação com um futuro destinado à morte.

Em seguida, a narrativa evolui para a exposição do caráter fúnebre da personagem, culminando na primeira menção explícita ao suicídio, que também é a primeira fala da personagem: “ — O tempo passa — murmurou com voz surda. Mundo! mundo! adeus!” (PLÁCIDO, 1863, p. 192). A exaustão da personagem, sentindo-se incompreendida e insignificante perante a sociedade, contribui para a construção do seu estado mental.

A questão religiosa emerge com a súplica pela reconciliação divina, destacando a contradição em relação ao ato do suicídio, como é explicitado no seguinte trecho: “Tudo, Senhor ! Podereis vós perdoar-me? Ponde os olhos na minha miseria ; esforço nobre era viver, se eu pudesse esmagar o coração debaixo d'uma estúpida e falsa dignidade, mas não posso meu Deus, não posso!” (PLÁCIDO, 1863, p. 193).

Também é retratada a redenção da culpa por meio da dor, como um mártir, que pode ser vista como um ato de resistência e afirmação da liberdade individual da protagonista, que se sente incompreendida e insignificante com relação à sua angústia perante a sociedade.

A personagem, ao se arrumar para morrer, demonstra, a partir do simbolismo da troca do vestido fúnebre pelo branco, o caráter sobrenatural e de transição para o mundo espiritual da narrativa, na qual a mulher terrena passa a ser idealizada com aparência sobre-humana. Ao decidir se matar, sofre uma alteração interna que é refletida externamente. Essa alteração seria a libertação da culpa, a partir da ideia de que o motivo para a jovem se matar, como um protesto à impossibilidade de suportar seu sofrimento sem sacrificar sua pureza e inocência, seria perdoado perante o olhar divino, já que ela estava defendendo seus ideais.

Ao pegar o punhal como um talismã para dar fim ao seu sofrimento e ao soltar um soluço sufocante, é estabelecido um caráter quase ritualístico à narrativa que, além da atmosfera, apresenta elementos simbólicos como o punhal (dado por seu ex-amante), que será usado para tirar a própria vida e é considerado “uma morte ‘pura’ (viril)” (LORAUX, 1985), e os dois anéis, que representam os destinatários das cartas que escreverá em seguida. A arma utilizada para o suicídio, assim como as motivações, revelam uma intenção subversiva com as relações as normas de gênero por parte da personagem e da autora, já que

As mulheres utilizam mais medicamentos, seguido de auto envenenamento por pesticidas [...] enquanto os homens usam meios mais agressivos, como armas de fogo e enforcamento [...], indicando concepções de masculinidade onde se destaca a virilidade e a força. (DANTAS, 2018)

A badalada dos relógios, com seu eco sombrio, cria uma contagem regressiva, intensificando a atmosfera de inevitabilidade da morte. A partir desse momento a personagem que foi descrita pelo narrador como “é enfim um mysterio, e como mysterio ficará para o leitor.” (PLÁCIDO, 1863, p. 192), passa a ter voz e relata sua própria história de desgraça e angústia pela última vez por meio da escrita. Em relação à interação entre o feminino e a escrita ao longo dos anos, Tedeschi (2016) recorda que o silêncio sempre foi associado à figura feminina na história, considerado como um elemento essencial do mistério presumido que envolve a mulher, o que demonstra que o narrador do conto provavelmente representa uma voz onisciente da sociedade, já que atribui essa mesma característica a jovem. É por meio da escrita que a protagonista busca expressar seu sofrimento, apesar de não saber se será ouvida, como uma maneira de “sobreviver à morte”.

Ao escrever uma carta a seu irmão, a personagem revela que sua morte foi premeditada há quatro anos, o que explica a escrita de despedida, considerada um comportamento majoritariamente feminino já que, de acordo com Dantas (2018) “há maior presença de comportamento suicida em mulheres, (ideação, pensamentos, tentativas), em uma proporção de pelo menos três vezes mais que os homens (BOTEGA, 2015; MENEGHEL, 2012).” Além disso, a personagem revela sua perspectiva negativa sobre si mesma e o desejo de se fundir com a imagem idealizada e angelical que o interlocutor tem dela no seguinte excerto

Sabe o que eu queria, meu irmão? Era poder refundir-me no anjo que me crê, era esconder-me na sua afeição tão santa, e tão pura, era esquecer-me do que sou. Porque, olhe bem, meu querido amigo, eu sou uma miseravel!(PLÁCIDO, 1863, p. 194-195)

Esse desejo retrata uma maneira de não decepcionar seu irmão, sua família e a sociedade da época, já que ela não cumpriu seu papel social de ser uma mulher casada com um homem. A partir desse trecho, também é possível concluir que essa carta tem como objetivos a redenção da personagem perante seu ciclo social e a retomada do seu poder por meio de ordens de caráter emotivo a seu irmão, como é visto no seguinte fragmento: “meu irmão, não despreze a minha memória” (PLÁCIDO, 1863, p. 195). Também é relevante para a nossa análise o excerto: “Morro, porque não posso vencer-me; morro, porque é preciso levantar uma barreira de gelo entre uma imagem adorada, e o meu malfadado coração” (PLÁCIDO, 1863, p. 195). Em ambos, fica estabelecida a motivação do suicídio pela personagem: para que sua pureza divina e idealizada não seja quebrada pelo sofrimento amoroso. Ao afirmar “esta cabeça que tão ufana de si se levantou outr’ora, curva-se submissa como o animal humilde afagando a mão que o castiga.”(PLÁCIDO, 1863, p. 195) e em seguida “Eu sou uma mulher fatal”(PLÁCIDO, 1863, p. 195), a jovem demonstra o contraste da resignação e submissão com relação ao sofrimento amoroso de agora, comparada com a mulher forte e determinada de outrora.

Ao retomar com nostalgia o seu passado, a autora retoma essa ideia do destino predestinado à mulher na sua inocência e acredita que ela foi roubada pela morte por tuberculose de Antonio Augusto, assim como o marido da autora do livro morreria anos depois. Na fala do amado — “Se tu morresses comigo, não levava saudades do mundo” (PLÁCIDO, 1863, p. 198) — é possível perceber a culpa da personagem por deixar seu amado ir sozinho e sua solidão ao ficar viva.

Ao escrever para Christiano, a personagem demonstra sua revolta por ter sido enganada pelo rapaz, já que ele implorou para amá-la, e por ceder a esse amor, o que pode ser observado no trecho: “só a mulher conserva puro de mancha o amor que a santificou” (PLÁCIDO, 1863, p. 201). Ela expressa sua frustração com relação aos homens serem incapazes de compreender o sofrimento feminino e traz trechos da carta de término do relacionamento escritas pelo amado como uma maneira de expressar sua revolta e de culpá-lo pelo seu sofrimento, o que é evidenciado no trecho: “ « Os castigos não são desgraças. » Aceitemos, pois com coragem o nosso calix; o meu em breve estará

esgotado.” (PLÁCIDO, 1863, p. 201). O seu suicídio também é uma forma de se impor, deixando claro seus anseios após a morte, e de punir seu amado, o que se constata ao falar

O meu unico conforto é a lembrança de que um dia, quando te branquearem os cabellos, quando a consciencia fallar com os arrebiques emprestados por uma imaginação sempre avida do desconhecido, o teu espirito voltará ao passado á procura d'esta sombra esvaecida que te arrancará o sincero pranto do arrependimento. (PLÁCIDO, 1863, p. 200).

Ao final da carta, é retomada a ideia de mártir nos trechos

recem, parece que já presinto a agonia do trespasse. Chora-me, chora-me, cruz adorada, que eu tomei aos hombros com o entusiasmo d'uma crença sagrada e grandiosa . Vem, vem depôr na face já fria da moribunda o beijo do adeus extremo; é a unção para o caminho assombroso do esquecimento e da paz./peço-te um gemido para a martyr (PLÁCIDO, 1863, p. 202)

Nesse trecho, é evidenciada a angústia da protagonista por meio do amor a Christiano e a necessidade de preservar sua pureza por meio do suicídio, para que a autora da carta de suicídio não seja corrompida, em vida, pelo sofrimento amoroso.

5. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS DUAS NARRATIVAS

Primeiramente, ao realizar a análise comparativa entre as obras, é importante levar em conta o contexto histórico em que ambas foram produzidas. Em Portugal, ocorria uma luta contra a monarquia, assim como no resto da Europa, já que a transferência da família real para o Rio de Janeiro, em 1808, devido à ameaça das tropas francesas e a abertura dos portos brasileiros, enfraqueceu a nobreza portuguesa. Em 1820, ocorreu a Revolução Liberal na cidade do Porto, com os “vintistas” alcançando a vitória e convocando assembleias para redigir uma nova Constituição, baseada nos princípios democráticos da Revolução Francesa. Com o retorno da família real a Portugal em 1821, foi promulgada a primeira Constituição portuguesa em 1822, transformando o país de uma monarquia absolutista em uma monarquia constitucional. A partir do falecimento de D. João VI em 1826, teve início uma disputa pela sucessão do trono entre os absolutistas e os liberais, dando origem à Guerra Civil Portuguesa em 1832, que durou até 1834. Foi nesse período, de conflitos políticos e sociais, a partir de 1822, que o Romantismo emergiu em Portugal.

Um dos precursores desse movimento foi Alexandre Herculano. Pertencente ao primeiro momento do romantismo, a principal qualidade distintiva desse autor reside na incorporação da pesquisa histórica como um elemento crucial para a construção e delineamento da identidade nacional. Em sua visão, entender o passado representava uma compreensão profunda do presente e, por conseguinte, uma apreensão precisa da própria identidade. A abordagem investigativa de Herculano era objetiva, fundamentada em material documental, caracterizada por uma abordagem científica e notavelmente moderna. Os assuntos explorados pelo autor não se distanciam consideravelmente dos domínios da religião e do patriotismo, destacando-se o interesse em forjar uma identidade nacional, revisitar eventos históricos, a partir do medievalismo e restaurar valores fundamentais. Herculano, por meio de suas ruínas e abordagem medieval, antecipou e influenciou a segunda geração Ultra Romântica em Portugal, ao qual pertence a autora Ana Plácido. Nesse momento, a partir da ascensão da burguesia, os autores passam a escrever para si mesmos, podendo expressar livremente seu sentimentalismo e egocentrismo, utilizando da melancolia, do soturno, do fúnebre e da Idade Média como pano de fundo para suas obras. O lirismo tornou-se a expressão de um sentimentalismo desolado, de uma melancolia fatídica, enquanto o romance histórico do mundo medieval, cobria a falta de conhecimento

da época com as descrições exteriores e com os arcaísmos da linguagem; o drama debateu-se em paixões fora da natureza, abusando dos punhais, das vinganças e dos juramentos tenebrosos.

A partir desse enquadramento histórico é possível perceber que apesar das obras de Plácido e Herculano terem sido escritas em períodos distintos do romantismo, ambas possuem temáticas similares, já que *Eurico, o Presbítero* é precursor das temáticas trabalhadas em *Luz coada por ferros*. Nos capítulos em análise há em comum, para além da questão do suicídio, a questão do mártir, as paixões exacerbadas, o uso do punhal e da vingança, além dos juramentos sombrios. Contudo, as obras também possuem pontos distintos como a ambientação, a estrutura da narrativa e as motivações das personagens. Em seguida, falaremos sobre esses pontos de encontro e desencontro entre as obras.

A construção da cena do suicídio nas obras, já em suas narrativas, é realizada de maneira bem distinta, pois, apesar de ambas possuírem um narrador onisciente, em “Às portas da eternidade” a protagonista, relata seu próprio sofrimento em duas cartas, antes de concluir o suicídio, enquanto o sofrimento das freiras é todo contado por outra pessoa. Porém, há semelhanças com relação à construção da ambientação da narrativa, já que, apesar de se passarem em locais diferentes, ambas possuem uma descrição de um ambiente fúnebre e macabro, construindo uma tensão propícia para o destino inevitável que aguarda as personagens. Essa construção em ambas as narrativas do horror e macabro se relacionam com a transgressão ao tabu da morte presente na sociedade, pois ao falar sobre o que é desconhecido, é gerado esse clima de tensão e desconforto nos leitores.

De acordo com Marquetti (2017), a representação detalhada e discreta, ocorrendo de maneira isolada e longe da observação, é a única forma de encenar o suicídio feminino, sendo realizada no íntimo do aposento. Entretanto, nas obras de Herculano e Plácido, vemos uma quebra desse padrão, posto que, embora os suicídios se realizem em um mosteiro e um quarto isolados, tanto as freiras quanto a jovem do conto “Às portas da eternidade” buscam deixar público para a sociedade porque estão se matando, seja por meio do suicídio coletivo em frente aos árabes e seus aliados, seja por meio das cartas deixadas após o autoaniquilamento. Nas duas obras, essa parece ser a única saída possível para as mulheres escaparem ao sofrimento, já que, de acordo com Silva (2009), a partir do século XIX, “ a morte voluntária é vista como uma libertação, mais do que como um

aniquilamento”, e as narrativas escritas por ambos os autores buscam evidenciar e dar voz às injustiças sofridas pelo sexo feminino. Essa intenção dos autores se torna evidente ao analisarmos suas biografias, que demonstram Herculano como alguém que denunciou as negligências às quais as freiras eram submetidas em Portugal no século XIX, o que é evidenciado no seguinte trecho: “em *As freiras de Lorvão* [...] o autor também discorre sobre a incompetência administrativa do governo, pois, segundo Herculano (19--d), havia mosteiros e conventos que recebiam fartos subsídios, enquanto outros decaíam às mínguas” (MENDES, 2020); e Plácido, que foi presa por se negar a obedecer às normas sociais da época e querer se relacionar com outro homem, que não fosse seu marido, traz a culpa da personagem que não consegue seguir as normas sociais impostas e se casar com o homem amado.

Ademais, em ambas as obras o suicídio é realizado por meio de elementos de martírio, ou seja, como tentativa de realizar o testemunho dos ideais distintos defendidos pelas mulheres suicidas. Em “O mosteiro”, o martírio é retratado como um ato de heroísmo que se relaciona com um conflito social, como testemunho de fé e em defesa da pátria, no qual as freiras sacrificam sua própria vida, para que a essência da religião e da nação fossem preservadas. O suicídio nesse caso seria, além de uma maneira de alcançar a vida eterna e o paraíso, uma forma de servidão perante a sociedade como afirma (SILVA, 2009): “No desejo de ser morto, o suicídio é cometido por quem não quer morrer ou matar, mas ser morto, forma extrema de submissão. Obter prazer através da punição.”. Do ponto de vista tanto do narrador, quanto da sociedade, o ato das virgens de deixarem se matar por um bem maior, cumprindo o seu destino de servidão ao patriarcado, é algo a ser venerado como um ato idealizado e divino. O símbolo desses ideais cristãos de submissão são representados por meio da abadessa Cremilde, que opta por um caminho que resultasse em aflição tanto para ela quanto para as outras monjas, evitando derramamento de sangue inocente daqueles que buscaram refúgio no convento, ao invés de guerrear contra os árabes. Já em “Às portas da eternidade”, o martírio é apresentado como uma questão individual da personagem, relacionado ao sofrimento amoroso, representando um ato de resistência e reafirmação da liberdade pessoal da protagonista, além de uma maneira de expressar sua insatisfação por ser incompreendida e diminuída em relação à sua angústia diante da sociedade patriarcal. Nesse contexto, pode-se afirmar que este “desespero seria gerado pelos efeitos nocivos existentes na sociedade da qual o indivíduo faz parte. Neste

caso, os motivos que levam uma pessoa a querer se matar teriam que ser procurados na sociedade, pois não são os indivíduos que se suicidam, mas a sociedade através deles” (SILVA, 2009). Por meio das cartas, a protagonista revela que sua motivação pessoal de decidir se matar se relaciona com o seu desejo de não ser corrompida pelo sofrimento amoroso, preservando e se aproximando, a partir da morte, da sua imagem pura e idealizada pela sociedade patriarcal, que não conseguiu alcançar em vida. Além disso, o recurso narrativo das cartas dá poder à protagonista, que pode manifestar seu descontentamento diante da incapacidade dos homens em entender o sofrimento feminino, culpabilizando Christiano por sua aflição. Portanto, a protagonista de Plácido utiliza do martírio como uma forma de denunciar o sofrimento feminino causado pela estrutura patriarcal e de renegar o seu destino estipulado pela sociedade de ser possuída por um homem, o que é considerado um ato de fraqueza perante a sociedade e a religião, tanto que na carta escrita para seu irmão ela busca se redimir pelo suicídio.

Nas duas obras analisadas temos em comum a arma utilizada para o suicídio, apesar das motivações das personagens e suas mortes serem divergentes, o que é refletido na maneira como elas se matam. Enquanto a abadesa Cremilde chama as monjas para serem sacrificadas, de maneira passiva, antes de seu próprio suicídio, a partir da degola, a protagonista de Plácido utiliza o punhal do amante para ferir o próprio peito. Nas duas cenas, as personagens buscam transcender a vida, por meio da morte, como uma forma de deixar um legado sobre os seus ideais e de se vingar daqueles que lhe fizeram mal, mas, acima de tudo, o suicídio das personagens foi guiado pelo amor como é dito por Braga:

A tragédia do século XIX focalizava a pugna do indivíduo contra as forças do meio social, convertidas numa dualidade, como o Amor e a Honra, que arrastam a um impasse jamais resolvido sem apelo à desgraça e, mesmo, à morte. (BRAGA, 1984)

Na cena do mosteiro, as virgens se matam na frente de seus inimigos como uma forma de provar seu amor e sua honra à sua pátria e se vingar dos árabes, buscando uma forma de alcançar justiça por meio de um mandato divino como é afirmado por Braga:

À vingança, como forma de fazer justiça, torna-se uma obsessão para as personagens e acaba configurando uma espécie de destino trágico, na medida em que o ódio que a inspira assume a forma de uma espécie de mandato divino que é preciso consumir, mesmo que seus efeitos transcendam o criminoso e se voltem sobre os restauradores da ordem. (BRAGA, 1984)

Já na cena do conto de Plácido, a protagonista busca, pela própria morte, a justiça como uma forma de punir o homem que lhe causou sofrimento amoroso e de denunciar a sociedade que impõem às mulheres se submeterem a esse tipo de relação.

Nas obras de Plácido e Herculano, são utilizados os elementos da religião cristã como um recurso para evidenciar os conflitos e justificar o suicídio das personagens, relacionados à questão do mártir. Na obra de Herculano, o suicídio é realizado como um testemunho da fé cristã, o que remete aos ideais do início do cristianismo, como afirma Silva:

nos primórdios do Cristianismo o suicídio exercia uma certa atração: era visto como indistinguível do martírio e uma forma de alcançar o Paraíso. As primeiras gerações de cristãos, para fugirem das perseguições, entregaram-se voluntariamente ao martírio, no que são incentivados através de várias passagens do Novo Testamento, onde os fiéis são convidados a detestar a vida terrena e a fazer o sacrifício da própria vida para assim se aproximar de Deus e da vida eterna. (SILVA, 2009)

Entretanto, já na Idade Média, período em que se passa esse romance histórico, Silva (2009) afirma que: “A atitude medieval perante o suicídio decerto não é benevolente com os suicidas: crença popular, religião oficial e poder civil partilham de um mesmo sentimento sobre um ato que é, ao mesmo tempo, contra a Natureza, contra a sociedade e contra Deus”. Apesar de o suicídio não ser aprovado pelas instituições religiosas nesse período, é evidente que o autor se utiliza das origens cristãs para retratar os conflitos políticos da época e seu desejo de que o cristianismo buscasse retomar suas origens mais simples. Essa indignação de Herculano com relação à corrupção dos valores cristãos pode ser observada a partir de suas outras obras como ao falar sobre as monjas de Lorvão:

O autor relata aquilo o que lhe parece reprovável: a comum opulência das casas religiosas, bem como o esbanjar dos bens e a dilapidação do patrimônio realizados pelos responsáveis pelo Cenóbio de Lorvão – os monges brancos – e que levaram as freiras laurbanenses (adjetivo referente à localidade) à miséria após o fim dos rendimentos e decreto da extinção das ordens regulares. Entretanto, o autor demonstra-se muito mais preocupado com a situação lastimável das monjas do que com o modo como as religiosas viviam no passado, pois a situação delas parece bem mais urgente do que os erros anteriores; por isso, prossegue a missiva a Pimentel apelando, novamente, para a imaginação de seu interlocutor com relação à oposição existente entre o conforto dos homens do governo e a penúria das monjas em Lorvão (MENDES, 2020)

O autor parece buscar também, ao retratar o suicídio coletivo das freiras, a ambiguidade e hipocrisia do cristianismo com relação ao moralismo que se aplica à atitude dessas virgens, que estão apenas seguindo os valores primordiais cristãos, mas não se

aplica aos homens que comandam essas instituições religiosas e o governo. Essas punições mais severas aos suicidas se intensificam justamente nesse período de guerra contra os árabes, com o aumento dos martírios voluntários, como afirma Silva no seguinte trecho:

A habilidade teológica dos pensadores cristãos, juntamente com medidas canônicas dissuasivas, tornou-se necessária para criar uma moral que proclamasse a interdição do Suicídio. A luta contra as correntes heréticas é que vão desencadear o endurecimento das posições doutrinárias e disciplinares. (SILVA, 2009)

Já na obra de Plácido, é perceptível que a autora utiliza da religião como uma forma de pedir misericórdia pelo ato reprovável, buscando esse perdão ao comparar o seu sofrimento amoroso por Christiano e seu suicídio para preservar sua pureza e divindade, com o sofrimento de Cristo na cruz para purificar os pecados da humanidade ao afirmar: “Chora-me, chora-me, cruz adorada, que eu tomei aos ombros com o entusiasmo d'uma crença sagrada e grandiosa .” (PLÁCIDO, 1863, p. 202)

Ao se comparar com Jesus, a protagonista relaciona o seu conflito pessoal de rejeitar o destino que a sociedade designou para ela, o qual implica ser subjugada por um homem, para preservar a sua pureza, tal como no conflito fundador do cristianismo, em que Jesus é crucificado por contestar as ordens estabelecidas pelo Império Romano. Como afirma Silva:

O cristianismo nasce e desenvolve-se numa atmosfera ambígua: a vida terrena é horrível, por isso é necessário desejar a morte para se aproximar de Deus e da vida eterna. Ao caminhar deliberadamente para a morte e nada fazendo para evitar, Jesus se mata a si mesmo, sendo posteriormente seguido pelos mártires cristãos. O advento fundador do Cristianismo será a sua morte voluntária. (SILVA, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas sobre a obra de Herculano e Plácido, levando em conta o período literário em que foram produzidas, no romantismo em Portugal no século XIX, e sua principal temática, o suicídio feminino, é possível concluir que essa produção literária só poderia ser feita especificamente nesse período histórico e artístico. Esse fenômeno se dá, devido aos conflitos e ambiguidades presentes na nação portuguesa e de sua sociedade patriarcal, os quais são refletidos na literatura e no sofrimento interior das personagens ao longo dos capítulos analisados. Ademais, apesar de Herculano e Plácido pertencerem a movimentos distintos do Romantismo português, além dos enredos do capítulo “O mosteiro” e do conto “Às portas da eternidade” serem diferentes, o que move esses autores e essas personagens femininas tão opostas são suas paixões exacerbadas, que transcendem a moral da época de tal forma, devido à imersão masoquista na essência mais íntima do ser, revelando as tormentas interiores e fragilidades emocionais, acompanhada pela convicção de que o sofrimento possui uma dignidade inerente, o que só seria permitido nesse período romântico. Apesar de o agente que motiva as personagens ao suicídio se relacionar com questões pessoais (no caso de Plácido) ou coletivas (no caso de Herculano), ambas buscam por meio desse recurso do horror com a morte serem ouvidas sobre suas indignações e insatisfações com as negligências sofridas pelas mulheres no século XIX e, de alguma forma, não se resignam à posição de silenciamento, de uma beleza idealizada e ao destino de ser possuída pelo sexo masculino, impostos pela sociedade da época. Até os dias atuais, o desejo de expressar suas emoções e frustrações, sendo pela vida ou pela morte, pelo sofrimento público ou particular é proibido às mulheres, que, ainda hoje, causam espanto ao almejar algo a mais do que cuidar da família e do marido. Entretanto, em “Às portas da eternidade” e “O mosteiro”, por meio dos recursos literários do romantismo, em uma “nação suicida” como a de Portugal, que enfrentava um período de crise política, essas mulheres, mesmo que ficcionais, conseguiram expressar a angústia que passavam e que passam até os dias atuais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: um estudo sobre o suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ANDRÉ, Willian. AMARAL, Lara Luiza Oliveira; PINEZ, Gabriel. *Literatura & Suicídio*;

ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981

BRAGA, Teófilo. *História do Romantismo em Portugal*. Lisboa: Editora Ulmeiro, 1984.

COSTA, Vallery Rodrigues. *Compreensão e análise da temática do suicídio em obras da literatura romântica*. 2018. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará - campus Sobral, Sobral, 2018.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. *Suicídio de mulheres em um contexto psicossocial*, 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

GANHÃO, Mónica. *ana plácido e o terror da consciência feminina “às portas da eternidade”*. **revista de estudos de cultura**, São Cristóvão (SE), v. 6, n. 16, Jan. Abr./2020, p. 141-150

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*; José Olympio; 1ª edição (13 setembro 2021);

LORAUX, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Imaginário da Grécia Antiga. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1985.

MARQUETTI, Flávia Regina; MARQUETTI, Fernanda Cristina. Suicídio e feminilidades. *Cadernos Pagu*, (49), 2017.

MILNER, Guilherme Nogueira. Quando a tinta acaba: uma análise do suicídio na literatura portuguesa do século XIX. *Anais do VI SAPPIL – Estudos de Literatura*, UFF, n. 1, 2015.

MOISES, Massaud. *A literatura portuguesa em perspectiva*. Vol.3. São Paulo: Atlas, 1994.

PLÁCIDO, Ana Augusta (1863). *Luz coada por ferros*. Edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão Editores & Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão;

ROLOFF, Aion; NERY, Antonio Augusto; MENDES, Eduardo Soczek (org.). *Diálogos com a literatura portuguesa*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SILVA, Fábio Mário da. SUICÍDIO ENQUANTO TOPOS ROMÂNTICO NA NARRATIVA “ÀS PORTAS DA ETERNIDADE”, DE ANA PLÁCIDO. 76 *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 7: 76-86, Jan./Jun. 2020;

SILVA, Maria do Carmo Mendonça. *RENÚNCIA À VIDA PELA MORTE VOLUNTÁRIA: O SUICÍDIO AOS OLHOS DA IMPRENSA NO RECIFE DOS ANOS 1950*, 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2009.

PIVETTA, Luzia Antonelli; STEFANELLO, Adriana. *A construção espacial em Eurico, o Presbítero de Alexandre Herculano como índice dos sentimentos dos protagonistas da obra*.

UNAMUNO, Miguel de. *Portugal, povo de suicidas*. Lisboa: Letra Livre, 2008.

VACCARI, U. R. Um Inimigo do Povo: o Livre-Pensador e o Suicídio. *Trans/Form/Ação*, Marília. v. 39, n. spe, p. 173-190, 2016.

WANKLER, Cátia Monteiro. *A POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX: DE GARRETT A CESÁRIO VERDE*. *ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas*, [S.l.], n. 5, p. 95-115, maio 2017.